**MICROBIOTA INTESTINAL DE POVOS TRADICIONAIS ISOLADOS**

**E O CONSUMO DE ANIMAIS SILVESTRES – REVISÃO DE LITERATURA**

**Walkyria Biondi Lopes de Magalhães1\*, Anna Maria Fernandes da Luz1 e Luisa Andrade Azevedo2**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA – São Luís/MA – Brasil – \*Contato:walkyria.uni@gmail.com*

*2M**estranda em Ciências Veterinárias – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ – Seropédica/RJ – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

O consumo da carne de animais silvestres no Brasil é mais comum em comunidades tradicionais e de baixa renda3. No entanto, as carnes advindas da caça podem não ser seguras para consumo humano, uma vez que não possuem inspeção sanitária3. Porém, dependendo da cultura ou da indisponibilidade financeira, esta prática torna-se o mais viável para conseguirem consumir carne3.

Mas, como dito anteriormente, a segurança desses alimentos é incerta, fazendo com que essas populações estejam expostas a diversas infecções3,5. Um exemplo é a infecção gastrointestinal, que dependerá do comportamento da microbiota4,5,7.

Contudo, a taxa de manifestações de doenças por parasitas intestinais entre algumas comunidades indígenas é baixa, apesar de sua constante exposição a diversos patógenos5.

O objetivo desta revisão de literatura é discutir sobre a microbiota intestinal de comunidades indígenas, a fim de esclarecer o motivo pelo qual alguns povos tradicionais não manifestam determinadas doenças que afetam a população ocidental.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica nas plataformas digitais Scielo e Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave “microbiota”, “consumo de carne de animais silvestres”, “zoonoses em comunidades tradicionais” e “microbioma humano”.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Naturalmente, os seres vivos contêm microrganismos no intestino do domínio de bactérias, chamados de microbiota, que influenciam nas funções fisiológicas, bioquímicas, imunológicas e microbiológicas no organismo2. Isso forma um ecossistema interno dentro do corpo que é chamado de microbioma6. Essas bactérias colaboram, por exemplo, para metabolização de alimentos, durante o processo de fermentação2. Ainda, a microbiota também pode participar do processo de defesa do organismo, protegendo contra a colonização de microrganismos invasores6.

No entanto, este ecossistema pode entrar em desiquilíbrio por conta da alimentação e do uso de antibióticos2. Assim, são utilizados probióticos e prebióticos para a regulação da flora intestinal, fazendo com que o balanceamento das atividades bacterianas se reestabeleçam2.

Em paralelo a isso, em alguns povos, o isolamento e a tradição cultural da colheita e da caça faz com que não haja o consumo de comidas industrializadas4. Um exemplo é a população Yanomami, encontrada no interior da floresta amazônica na Venezuela, que nunca havia sido descrita anteriormente4.

A industrialização dos alimentos e o uso excessivo de antibióticos podem ter feito a população ocidental regredir na diversidade do seu microbioma7. Povos que habitam um meio ambiente como o da floresta amazônica, da savana na África do Sul e da Papua-Nova Guiné aparentam ter um microbioma mais saudável, que faz a comunidade científica repensar nos padrões de normalidade microbianas7.

A alimentação ocidental hoje é rica em conservantes, agrotóxicos e antibióticos, utilizados como maneira de preservar o alimento por mais tempo e sem trazer nenhum dano imediato a seus consumidores7. No entanto, estes produtos podem estar desequilibrando a flora intestinal e eliminando bactérias que antes eram essenciais para a regulação do organismo5,7.

Os povos citados anteriormente têm a caça como uma das principais fontes de alimento, sendo que grande parte destes são animais silvestres4,5,7. Contudo, eles apresentam um alto risco de transmissão de patógenos infecciosos que podem causar doenças para seus consumidores, como sugere uma das hipóteses do marco zero do novo coronavírus1. No entanto, essas comunidades não estão isentas à infecção de microrganismos invasores, mas apresentam uma resistência maior ao desenvolvimento das doenças, e suspeita-se de que isso ocorra devido a grande diversidade do seu microclima5.

Por exemplo, na região onde os Yanomamis se encontram há uma maior incidência de cádmio, zinco e cobalto, tanto por eles estarem naturalmente espalhados pelo meio ambiente, quanto pelas minas na floresta. Normalmente, esses elementos teriam efeitos tóxicos para o organismo, mas essa população apresenta não apenas resistência a eles, mas também funções de virulência impulsionadas5. Além disso, eles carregam genes resistentes à antibióticos sintéticos, apesar de não terem contato com as substâncias4.

Ainda, a análise da microbiota dessas comunidades isoladas pode auxiliar a comunidade científica a compreender se a dieta ocidental pode trazer riscos iminentes a saúde7. Inclusive, pode ajudar nos estudos de bactérias super-resistentes, pois a partir de microbiomas mais diversificados, é possível testar novos métodos de combate a esses microrganismos4,5,7. Infelizmente, devido principalmente à dificuldade de acesso a essas civilizações, os estudos dessa temática ainda são escassos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível observar que a biodiversidade presente no microbioma intestinal é maior em comunidades mais isoladas das civilizações ocidentalizadas. Mesmo que estas consumam carne de animais silvestres, elas não desenvolvem doenças, uma vez que sua a microbiota intestinal auxilia na proteção do seu organismo. Isso reflete na necessidade de estudos mais aprofundado na área da microbiota intestinal e na revisão dos padrões alimentares.

Além disso, mais pesquisas nessa área podem auxiliar a ter conhecimento de como resistir e enfrentar a futuras crises de saúde pública, como a pandemia do coronavírus, que possam surgir a partir de uma zoonose.

Ademais, é de suma importância a conservação dos ecossistemas desses povos, já que eles podem ser utilizados para compreender e combater doenças emergentes.

**APOIO:**

**GRUPO DE ESTUDOS DE ANIMAIS SILVESTRES DO UNIBH; SAÚDE PLANETÁRIA MARANHÃO; LIGA ACADÊMICA DE SAÚDE ÚNICA.**